

# VIDEOANIMAÇÃO *WAY OF GIANTS*: UMA PROPOSTA DE LEITURA DE TEXTO MULTISSEMIÓTICO

VIDEO ANIMATION *WAY OF GIANTS*: A PROPOSAL FOR READING MULTISEMIOTIC TEXT

VIDEO ANIMACIÓN *WAY OF GIANTS*: UNA PROPUESTA PARA LEER TEXTO MULTISEMIOTICO

*Natália Rodrigues Silva do NASCIMENTO\**

*Marco Antonio VILLARTA-NEDER\*\**

*Helena Maria FERREIRA\*\*\**

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo principal apresentar uma proposta de leitura da videoanimação *Way of Giants* (2016), partindo das orientações da BNCC (BRASIL, 2018) e dos pressupostos teóricos dos estudiosos do Círculo de Bakhtin. Para tanto, propõe-se uma análise das múltiplas semioses que compõem esse enunciado em diálogo com as condições de produção, circulação e recepção que o constituem, com o intuito de que essa leitura, levada para sala de aula, propicie o estudo do gênero discursivo videoanimação como um enunciado concreto. Além disso, por meio dessa proposta de leitura, pretende-se contemplar uma abordagem das culturas indígenas de modo transversal e integrador, com o fim de contribuir para a expansão do horizonte de visão dos alunos sobre a pluralidade cultural, em conformidade com as disposições da BNCC.

**Palavras-chave:** Culturas indígenas; Gênero do discurso; Multissemioses; Videoanimação.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Lavras (UFLA); bolsista do Programa de Apoio à Pós-graduação da FAPEMIG. Contato: natalia.nascimento1@estudante.ufla.br.

\*\* Doutor em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela Unesp-Ar. Professor Associado do Departamento de Estudos da Linguagem e docente do Mestrado Acadêmico em Letras, Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências/Educação Ambiental e Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Contato: villarta.marco@ufla.br.

\*\*\* Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora Associada do Departamento de Estudos da Linguagem (DEL) e dos Programas de Pós-Graduação em Letras e em Educação da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Contato: helenaferreira@ufla.br.

**Abstract:** The main objective of this text is to present a proposal for reading the video animation *Way of Giants* (2016) based on the BNCC guidelines (BRASIL, 2018) and the theoretical assumptions of the Bakhtin Circle scholars. Therefore, this article proposes an analysis of the multiple semioses that make up this utterance in dialogue with the conditions of production, circulation and reception that make it up, with the aim that this reading, taken to the classroom, allows the study of the discursive genre video-animation as a concrete utterance. In addition, through this reading proposal, it is intended to contemplate an approach to indigenous cultures in a transversal and integrative way, in order to contribute to the expansion of the students' vision horizon.

**Keywords:** indigenous cultures; teaching; discourse genre; multimediation; video animation.

**Resumen:** El objetivo principal de este texto es presentar una propuesta para leer el video de animación *Way of Giants* (2016) basada en las pautas de BNCC (BRASIL, 2018) y los supuestos teóricos de los académicos del Círculo Bakhtin. Por lo tanto, este artículo propone un análisis de las múltiples semiosis que componen el enunciado en diálogo con las condiciones de producción, circulación y recepción que lo componen, con el objetivo de que esta lectura, llevada al aula, permita el estudio del género del discurso de vídeo de animación como uno enunciado concreto. Además, a través de esta propuesta de lectura, se pretende contemplar un enfoque de las culturas indígenas de manera transversal e integradora, con el fin de contribuir a la expansión del horizonte de visión de los estudiantes.

**Palabras clave:** culturas indígenas; enseñando; género del discurso; multimediation; video de animación.

## Considerações iniciais

A Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC (BRASIL, 2018), é um documento de caráter normativo que visa a instituir parâmetros e diretrizes para o ensino brasileiro ao estabelecer o conjunto de habilidades essenciais que os alunos devem desenvolver durante o ensino básico (2018, p. 7). Ao abordar especificamente a área de linguagens e suas tecnologias, a BNCC prevê que os alunos tenham acesso a uma “**formação voltada a possibilitar uma participação mais plena [...] nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso das linguagens**” (2018, p. 481 – destaques dos autores). Nesse sentido, a proposta deste artigo é refletir sobre o gênero videoanimação em articulação com a BNCC, no contexto do ensino médio.

O contexto digital e tecnológico em que estamos inseridos faz com que os textos multimediativos, aqueles que conjugam, em sua constituição,

formações sócio-culturais de materialidades diversas, tais como verbal, visual, sonora, imagética, gestual, entre outras (ROJO; BARBOSA, 2015), circulem amplamente na sociedade, de modo que os alunos possuam acesso a esses textos em suas práticas fora da escola. Isso faz com que, caso tenha o compromisso de formar alunos proficientes e reflexivos em relação ao mundo ao seu redor, é importante que a escola aproxime as suas práticas das que são realizadas pelos alunos fora do contexto escolar.

Assim, mais do que ensinar os conteúdos consolidados ao longo da história humana, a escola é demandada a auxiliar os alunos a realizarem, de forma mais crítica e efetiva, as suas atividades diárias, considerando as relações interpessoais, as manifestações culturais, os interesses pessoais, o contexto da vida pública e do mundo do trabalho, as práticas de consumo, entre outras.

Nesse viés, a BNCC define que a reflexão sobre a linguagem tenha como fim garantir aos alunos a ampliação e a diversificação das suas atuações nos mais variados campos de atividade humana, de modo que percebam a constituição plural da vida social e explorem as linguagens não só nas suas mais variadas realizações, mas também nas possíveis intersecções com as tecnologias, a internet, a multimídia e as formas de compartilhamento (BRASIL, 2018, p. 481-2).

Além disso, a BNCC dispõe que esse estudo considere aspectos poéticos, estéticos, sociais, culturais e políticos e que contribua para que os alunos reflitam sobre o respeito à própria cultura e à cultura do outro, haja vista a pluralidade existente em nossa sociedade. Em especial, a BNCC dispõe sobre formas de criar espaços para a manifestação de diversas fontes culturais, a fim de garantir “o respeito e a valorização das diversas culturas presentes na formação da sociedade brasileira, especialmente as de matrizes indígena e africana” (BRASIL, 2018, p. 483).

Nesse sentido, considerando, por um lado, a importância, para a formação dos alunos, dos estudos que tenham como foco os textos multissemióticos, principalmente os que circulem amplamente nos espaços digitais e tecnológicos, como as videoanimações, e, por outro lado, a necessidade da criação de espaços para a manifestação de culturas diversas, tais como as de matriz indígena, objetivamos, com o presente texto, apresentar uma proposta de leitura da videoanimação *Way of Giants* (2016)<sup>1</sup>.

Almejamos, dessa forma, realizar o estudo de algumas das múltiplas semioses que compõem esse enunciado em diálogo com as condições de

---

<sup>1</sup> *Way of Giants* (Caminho de Gigantes). Dirigido, produzido e escrito por: Alois di Leo. Música de: Tito la Rosa. Brasil: SINLOGO Animation, 2016. (11min 52s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3aSnTTzfR1E>. Acesso em: 18 jun. 2020.

produção, circulação e recepção que o constituem, com o intuito de que esta proposta de leitura, adaptada para o contexto da sala de aula, propicie o estudo do gênero discursivo videoanimação como um enunciado concreto, a partir do qual a abordagem de aspectos da cultura indígena possa ser realizada, de modo transversal.

### **Apontamentos sobre a videoanimação em sala de aula**

Especificamente sobre o ensino da língua materna, a BNCC orienta que sejam privilegiadas práticas que abordem não só a variedade de linguagens, mas também as suas múltiplas práticas na vida em sociedade. Assim, ao levar para a discussão em sala de aula um texto multissemiótico, é interessante que o professor proponha uma reflexão que tenha por objetivo a “análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses” (BRASIL, 2018, p. 486) e não se limite a discussões que investiguem, apenas, a estrutura desse enunciado como algo isolado dos diálogos que ele mantém com outros enunciados e com os sujeitos e os acontecimentos concretos que lhe dão vida.

Sobre o tema, é importante destacarmos a afirmação de Bakhtin acerca das práticas escolares que privilegiam apenas a linguagem formal e erudita, principalmente, a de natureza primordialmente verbal:

É necessário tirar os alunos do beco sem saída da linguagem livresca, para colocá-los no caminho daquela utilizada na vida: uma linguagem tanto gramatical e culturalmente correta, quanto audaciosa, criativa e viva (BAKHTIN, 2013, p. 42).

Essa abordagem que privilegia a “linguagem livresca”, conforme menciona o estudioso, desconsidera que os textos são produzidos pelos sujeitos durante a interação com outros sujeitos para atender a um fim discursivo e interativo. Dito de outro modo, os sujeitos não empregam a língua a partir de enunciados descontextualizados e isolados, mas tomando como molde os enunciados que já circulam em um dado campo de atividade humana. É interagindo com esses outros textos e pensando em seu próprio projeto enunciativo, que os sujeitos produzem os seus enunciados.

Assim, as práticas de linguagem na escola devem estar articuladas ao contexto histórico, social, cultural e econômico e não devem pautar-se no estudo de gêneros escolarizados e na análise linguística de estruturas gramaticais. Ao contrário, uma vez que as possibilidades de atuação humana são inesgotáveis e variadas, os modos de agir em sociedade e os textos que são produzidos pelos sujeitos também possuem como principais características a heterogeneidade, a riqueza e a diversidade. Desconsiderar

esse fato faz com que as práticas escolares se distanciem do fazer humano social e cultural, o que pode ser a causa da desmotivação de parte dos alunos no que diz respeito ao estudo da língua materna.

Nessa perspectiva, a videoanimação detém potencialidades ao ser levada para análise e discussão em sala de aula, tendo em vista que, além de possuir uma configuração que conjuga o diálogo entre semioses de naturezas diversas (sons, cores, movimentos, imagens, entre outras), é um gênero discursivo/textual que circula amplamente nos meios digitais, fazendo grande parte do cotidiano dos alunos fora do ambiente escolar.

Dessa forma, o estudo e a análise de videoanimações em sala de aula contribui para que a leitura dos alunos, a partir desse texto audiovisual, considere essas semioses heterogêneas em diálogo, formando um todo passível de produzir sentidos, que se relaciona com as práticas sociais e culturais dos sujeitos em sociedade digital.

No que diz respeito à temática da cultura indígena, a Lei 11.645/2008, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), tornou obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena no âmbito dos componentes curriculares, tendo em vista a importância histórica e cultural desses grupos para a constituição da sociedade brasileira (BRASIL, 2008).

Em face do exposto, pode-se destacar que o gênero videoanimação possibilita uma discussão acerca de recursos semióticos variados, cuja análise pode contribuir para a formação de leitores proficientes em textos multissemióticos. Além disso, possibilita o contato dos alunos com temáticas transversais diversas, como exemplo, a cultura indígena. Essas características permitem a ampliação de habilidades relevantes para os usos sociais da linguagem.

Sobre a questão do diálogo entre culturas, Bakhtin (2017) argumenta que

A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade [...] aos olhos de outra cultura. Um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas de sentido. [...] Nesse encontro dialógico de duas culturas, elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente (BAKHTIN, 2017, p. 18-19).

Nessa direção, discutir com os alunos um texto multissemiótico que tem como temática a cultura indígena contribui para que essa cultura seja percebida, debatida e enriquecida ao ser comparada com a cultura dos alunos, ao mesmo tempo em que provoca o enriquecimento do horizonte de visões deles, em um diálogo cujo objetivo não é mesclar ou reduzir uma cultura à outra, mas enriquecer a ambas.

Nesse ponto, o gênero discursivo videoanimação propicia justamente esse diálogo entre os elementos internos que compõem a animação e os elementos externos, relacionados à cultura e aos sujeitos envolvidos, tanto os leitores/espectadores quanto o povo indígena retratado no curta, o que faz com que a sala de aula seja o palco dessa relação.

Abordando o assunto do diálogo interno e externo proporcionado pelo gênero videoanimação, Villarta-Neder e Ferreira discorrem que

A vantagem de se trabalhar com videoanimação é que se pode identificar esse diálogo de uma maneira lúdica, alusiva. E, mais importante: por ser significativo enquanto gênero por parte do espectador, isso constitui um enunciado de fazer que pode responder ao diálogo com os sentidos possíveis no acontecimento da leitura e da discussão. Assim, o ato responsável dos enunciados da videoanimação também se constitui enunciado de fazer, dialogando com os atos responsáveis da leitura e discussão em sala de aula. (VILLARTA-NEDER; FERREIRA, 2020, p. 22).

Dessa forma, a leitura da videoanimação tem o potencial de proporcionar o diálogo enriquecedor das semioses que formam um todo significativo no interior da animação com a temática da pluralidade cultural, suscitada a partir da cultura indígena apresentada pelo curta em questão. Levando essa discussão para sala de aula, o professor contribui não só para a leitura proficiente e crítica de textos multissemióticos, mas, também, para que os alunos tenham o contato com uma cultura que, ao mesmo tempo que parece diferente da deles, a constitui, tendo em vista o papel fundamental dos povos indígenas na formação da sociedade brasileira.

### **Possibilidades de leitura da videoanimação *Way of Giants***

O curta-metragem *Way of Giants* (2016)<sup>2</sup>, produzido por Alois Di Leo e pelo estúdio *Sinlogo Animation*, disponível em

---

<sup>2</sup> As imagens utilizadas neste artigo foram retiradas da videoanimação produzida por Alois Di Leo e pelo estúdio *Sinlogo Animation*, de livre acesso por meio do canal *Fanaticalmdown*, no YouTube. Ressaltamos que a utilização das imagens teve, exclusivamente, objetivos educacionais, sem fins lucrativos e pode enquadrar-se à política de usos aceitáveis das mídias adotada pelo YouTube.

<https://www.youtube.com/watch?v=3aSnTTzfR1E>, conta a história de Oquirá, uma menina indígena de seis anos que busca compreender o ciclo da vida, ao mesmo tempo em que observa a relação do seu povo com a natureza, que é representada pela grandiosa floresta onde vivem.

Por meio da videoanimação, observamos a tribo de Oquirá, que usa a madeira das árvores da floresta para construir as suas casas e fazer seus instrumentos, tanto os de trabalho, quanto os musicais, como as flautas. Dessa forma, podemos perceber que o uso da madeira é muito importante para aquele povo, pois é a sua principal atividade.

A construção das flautas é apresentada como um evento importante que constitui a cultura da tribo e que define como ocorre o ciclo da vida de seus membros, uma vez que são as crianças que as constroem e, caso o instrumento esteja apto a produzir sons harmoniosos, o membro mais velho da família da criança está pronto para deixar aquela forma de vida.

Cumprir destacar que os membros idosos da tribo se transformam em árvores, processo que resulta tanto na renovação da floresta, tendo em vista, principalmente, o fato da tribo utilizar a madeira em suas atividades, quanto no vínculo dos indígenas com a natureza, já que a animação dá a entender que todas as árvores da floresta um dia já foram seres humanos.

Observando esse costume e tendo um avô de certa idade, Oquirá, cuja flauta produz uma música harmoniosa e agradável ao ser tocada pelo chefe da tribo, se contrapõe aos rituais de seu povo no momento em que percebe que seu avô teria que deixá-la e foge em direção à floresta, levando consigo a sua flauta. Ao passar a noite sozinha na densa mata que circunda a tribo, a indiazinha se relaciona mais intimamente com a floresta, instante em que é levada a aprender como funciona o ciclo da vida e a entender que a morte faz parte da natureza como um veículo para a renovação em conformidade com a cultura do seu povo. A menina percebe esse movimento ao observar os índios cortando uma árvore e o espaço vago que esta deixa na floresta (imagem 1). Tal espaço, conforme a cultura da tribo, deve ser ocupado por um indígena idoso.

No momento em que se dá conta desse processo obrigatório da vida, Oquirá retorna à tribo, entrega a flauta ao seu avô (imagem 2) e o assiste, com os demais indígenas, tocar a flauta (imagem 3) e se transformar em uma árvore (imagem 4), que também toma o lugar vazio na floresta, antes ocupado por uma árvore.

Imagens 1 a 4 – Percurso da vida  
Fonte: videoanimação *Way of Giants*  
Imagens 1 a 4 – Percurso da vida



Fonte: videoanimação *Way of Giants*

Dessa forma, por meio da videoanimação, podemos perceber que o vínculo dos povos indígenas com a natureza e com a floresta é ressaltado, temática que pode ser trabalhada pelo professor em sala de aula.

Além disso, o curta apresenta outros componentes da cultura indígena, marcados, por exemplo, pela musicalidade da animação. A música que embala as cenas é composta pelos sons de flautas e de tambores, pelos sons humanos, como o barulho da respiração e da batida com os pés no solo, e pelos sons da própria natureza, como o canto dos pássaros e o farfalhar das folhas das árvores ao vento. Esses sons se misturam algumas vezes, o que mostra o vínculo entre os povos indígenas e a natureza, além de criarem a musicalidade que conduz a leitura da videoanimação. Os tons do curta-metragem se tornam mais ou menos intensos à medida que a narrativa chega aos seus momentos mais marcantes e decisivos, contribuindo para a leitura, pois o espectador tem uma prévia da proximidade do clímax.

A imagem 5, por exemplo, retrata o momento em que Oquirá tenta quebrar a flauta, pensando que com essa atitude o seu avô não precisaria mais deixá-los. Os sons da pedra batendo na madeira aos poucos adquirem musicalidade e são mesclados com sons de tambores. Outro exemplo ocorre quando a árvore é derrubada e ouvimos os sons de respiração humana misturados aos sons das folhas, o que reforça o vínculo entre os índios e a floresta (imagem 6).

Os sons que podemos ouvir no momento em que o avô da menina está se transformando em árvore mesclam os sons da flauta, do tambor, da madeira dilatando-se e dos pés batendo ao chão, na medida em que os outros índios acompanham o som da flauta tocada pelo avô (imagem 7) com as batidas dos pés (imagem 8). O ritmo desses sons se intensifica e ganha um tom rápido e quase frenético nos últimos instantes em que o avô ainda conserva a forma humana. Em seguida, ouvimos o som da madeira se



expandindo juntamente com um rugido e, logo após a transformação se operar por completo, ouvimos apenas sons de insetos, indicando a calma na floresta, depois de um momento intenso de transformação.

### Imagens 5 a 8 – Articulação de semioses



**Fonte:** videoanimação *Way of Giants*

Nessa perspectiva, Jorge (2002, p. 60) afirma que os efeitos sonoros, a música e os diálogos formam a chamada “banda sonora” dos filmes. São três aspectos diferentes, mas que, muitas vezes, se entrelaçam nas produções. No caso da videoanimação em análise, percebemos que os efeitos sonoros compostos pelos sons da natureza, os sons da respiração e as batidas dos pés no chão se mesclam com as músicas tocadas pela flauta e pelos tambores. Esse efeito surge a partir de uma escolha autoral que tem por objetivo mostrar justamente o vínculo existente entre as pessoas da aldeia de Oquirá e a natureza que as cerca. Diante do exposto, destaca-se que

Os efeitos sonoros são uma parte igualmente poderosa a que se recorre. Trata-se, na generalidade, de todo o conjunto de sons que permitem reforçar (ou contradizer) uma determinada ideia ou situação. Por vezes a separação entre música e efeitos torna-se imperceptível: isto dá-se quando a música perde as suas “qualidades musicais” propriamente ditas para, através da textura do próprio som, fazer valer uma ideia [...] (JORGE, 2002, p. 61).

Além da questão dos sons, outro fator que se destaca na videoanimação em análise são os planos de composição das cenas escolhidos pela equipe autoral do curta. Esses recursos fazem com que a interação entre os índios e a natureza ganhe contornos, por um lado, de inclusão, como se árvores e humanos pertencessem a um único todo, e, por outro lado, de contraste, como se os humanos ficassem pequenos frente à grandeza das árvores e da natureza.

Para ilustrar essa questão, selecionamos duas imagens. A primeira (imagem 9) aparece logo no início da animação, no momento em que a tribo

de Oquirá é apresentada ao espectador. Na imagem, vemos os índios ocupados com atividades diversas em meio às árvores. Notamos que o plano é médio e focaliza os índios de perto, de modo que é possível visualizar as pessoas e as árvores menores, ao mesmo tempo em que vemos os troncos das árvores mais altas. Esse recurso faz com que o vínculo entre os indígenas e a natureza se torne próximo, como o que existe entre iguais.

Já a outra imagem (imagem 10) retrata o momento em que o avô de Oquirá se dirige, junto com os membros da tribo, ao lugar em que ocorrerá a sua transformação. O plano é mais aberto e geral, de forma a mostrar os índios em fila, de longe, fazendo com que seja possível visualizar a imensidão da floresta e das árvores em contraste com o tamanho das pessoas. Quase não distinguimos as pessoas em virtude do tamanho, mas vemos as árvores apenas pela metade, mostrando que grande parte da floresta não aparece na imagem.

Imagens 9 e 10 – Planos de composição



Fonte: videoanimação *Way of Giants*

Ao abordar a questão dos planos, Xavier (2005, p. 27) afirma que essa noção possui dois sentidos: os planos, por um lado, podem ser considerados como cada sequência do filme compreendida entre dois cortes e, por outro lado, podem significar também a posição particular da câmera em relação ao objeto filmado, o que determina um ponto de vista.

Nessa questão, percebemos que os tipos de planos escolhidos pela equipe autoral do curta em análise têm por finalidade não somente indicar o ponto de vista para o espectador, de forma que ele saiba onde e o que olhar durante essas cenas, mas também sugerir essas correlações que o posicionamento da câmera provoca em relação às pessoas da tribo e a natureza ao seu redor.

Dessa forma, esses aspectos que elegemos para discutir no presente artigo podem ser levantados pelo professor em sala de aula, de modo a potencializar a leitura das multissemioses que compõem a videoanimação em análise e abrir espaços para a discussão da temática da cultura indígena.

Ao analisarmos a relação existente entre as semioses da videoanimação com a temática apresentada, percebemos que essa composição é feita com o propósito de atender ao projeto de sentido da equipe autoral do curta, de forma que os sentidos são produzidos por meio da consideração não só dos aspectos formais da animação, mas também dos seus vínculos com os

sujeitos e com suas intenções discursivas. Isso, porque “não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte e das situações que os vinculam” (BAKHTIN, 2017, p. 44-45).

Nesse sentido, Bakhtin (2016), ao discorrer sobre a relação indissociável entre os textos/enunciados e a vida, afirma que qualquer investigação que considere o enunciado de modo apartado de suas condições reais de produção, recepção e circulação entre os sujeitos o desvinculam de sua realização efetiva na vida e se transvestem de teorismo e formalismo exagerados: “ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2016, p. 16-17). Tal ocorre, tendo em vista que

(...) o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. (BAKHTIN, 2016, p. 28).

Assim, investigada como um enunciado concreto, a videoanimação se aproxima das práticas reais de interação dos sujeitos na realidade fora da escola, o que contribui para que os alunos identifiquem as possibilidades de uso da linguagem em contextos reais e potencializa as atividades de leitura em sala de aula. E mais, propostas de leitura de textos audiovisuais como a presente, que consideram os elementos estruturais em diálogo com as situações de interação reais dos sujeitos a partir do uso da linguagem, propiciam que temas relevantes, como a pluralidade cultural, sejam abordados por métodos mais abertos e plurais, potencializando as discussões em sala de aula e exigindo dos alunos uma posição mais crítica, reflexiva e ativa.

### **Considerações provisórias**

O presente artigo teve como objetivo principal propor uma leitura da videoanimação *Way of Giants* (2016) de modo a realizar o estudo das múltiplas semioses que compõem esse enunciado em diálogo com as condições de produção, circulação e recepção que o constituem, com o intuito de que essa leitura, levada para sala de aula, propiciasse o estudo do gênero discursivo videoanimação como um enunciado concreto. O aluno, como um sujeito social, ao interagir com enunciados constitutivos da videoanimação, pode, na perspectiva aqui assumida, assumir uma posição responsiva, concordando ou discordando, complementando e se construindo na interação. Nesse sentido, a proposta do presente artigo foi refletir sobre a relevância de se considerar as práticas de linguagem em sua dimensão dialógica, em que os

interlocutores possam participar de uma interação efetivamente viva. Assim, o estudo sobre a língua(gem) se circunscreve no âmbito de sua manifestação real e objetiva, e não em manifestações abstratas ou hipotéticas.

Nesse contexto, este artigo buscou exemplificar uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, que fundamenta a proposta da BNCC, que parte do pressuposto de que a interação verbal instaurada pela leitura emana a consideração dos diferentes sujeitos e seus modos de produzir sentidos.

Além disso, pretendemos, por meio dessa abordagem, contemplar a temática das culturas indígenas de modo transversal e integrador, com vistas a contribuir para uma discussão que possa contribuir para expansão do horizonte de visão dos alunos sobre a pluralidade cultural, em conformidade com as disposições da BNCC.

Para tal, inicialmente fizemos alguns apontamentos sobre o tratamento dispensado pela BNCC no que diz respeito ao ensino de textos multissemióticos e dos temas relacionados à cultura indígena. Em seguida, abordamos as potencialidades do trabalho com as videoanimações em sala de aula, principalmente tendo em vista a sua constituição semiótica heterogênea e a proximidade desse gênero com o cotidiano dos alunos fora do espaço escolar.

Isso faz com que temáticas relevantes, como a da cultura indígena, sejam trabalhadas de forma contextualizada em uma narrativa e despertem o interesse dos alunos em relação a uma cultura que, embora pareça muito diversa, constitui a cultura deles.

Elegemos para análise aspectos da videoanimação que se relacionam com as semioses que a constituem como um todo complexo e significativo e que dialogam com os projetos de dizer da equipe autoral em relação ao vínculo dos povos indígenas com a natureza. A cultura indígena fica bem marcada principalmente por meio dos efeitos sonoros e musicais e da composição dos planos do curta, conforme discutimos no item anterior.

Assim, depois de analisarmos a videoanimação escolhida, tendo em vista os seus aspectos multissemióticos em relação com a temática abordada e com os sujeitos envolvidos, concluímos que a produção possibilita discussões em sala de aula que extrapolam o nível formal desse enunciado e que provocam a expansão do horizonte de visão dos alunos em relação às culturas plurais e heterogêneas que constituem a sociedade.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017. 104 p.

BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. 176 p.

BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BRASIL. BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versao\\_final\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf). Acesso em: 18 jun 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Presidência da República, Brasília, 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 25 junho 2008.

JORGE, Rui Pereira Edição de som: algumas perspectivas. **Caleidoscópio**: Revista de Comunicação e Cultura. Lisboa, Portugal. Vol.2, n.2, 2002. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2196>. Acesso em: 26 jun 2020.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. 152 p.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; FERREIRA, Helena Maria; Alteridade e responsabilidade leituras de texto multissemiótico de videoanimação como construção intersubjetiva na relação ensino-aprendizagem. **Diacrítica**, v. 34, n. 1, p. 4-25, 2020. Disponível em: <http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia/article/view/362>. Acesso em: 25 jun. 2020.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

*Recebido em: 26/06/2020*

*Aceito em: 30/08/2020*